

O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA COMUNIDADE PEDRA DO SAL, EM PARNAÍBA - PIAUÍ

José Maria Alves da Cunha¹
Inês de Carvalho Mélo²
André Riani Costa Perinotto³

RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal avaliar as condições socioeconômicas da comunidade Pedra do Sal com vistas ao incremento do Turismo de Base Comunitária, visando melhores condições de vida a seus moradores. Para isso, tem-se como proposta realizar a caracterização social da área de estudo, bem como contextualizar a atividade turística de um modo geral e específico na região, além de analisar a realidade vivida pela população nativa. Os procedimentos metodológicos ficaram por conta da pesquisa bibliográfica em livros e *sites* da Internet, documental, contato direto, através da pesquisa de campo do tipo quantitativa-descritiva, e entrevista não diretiva com a presidenta da Associação de Moradores e Pescadores da Pedra do Sal, Norma Sueli Nascimento de Souza. Os resultados apontam situação favorável à adoção do turismo comunitário como uma nova alternativa econômica à localidade, entretanto, percebe-se, também, a dificuldade de sua implantação devido à falta de conhecimento sobre o segmento, de subsídios educacionais por parte dos moradores e da difícil articulação das associações existentes, que gera conflitos e contribui para o atraso organizacional da localidade, impedindo o seu desenvolvimento sustentado. Portanto, o planejamento turístico participativo na comunidade é uma ferramenta fundamental à implantação da atividade no local e tem a perspectiva de melhorar os índices de qualidade de vida da população autóctone.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNIDADE PEDRA DO SAL. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) E-mail: jmacunha1@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) E-mail: ines.ufpi@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação - UNISINOS/RS. Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) E-mail: perinotto@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

O turismo enquanto atividade socioeconômica apresenta expressiva relevância na conjuntura atual ao movimentar cerca de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e gerar mais de 230 milhões de empregos no mundo (SANTOS; KADOTA, 2012).

Complexo e mutável, o turismo não deve ser apenas visto e concebido pelos ganhos econômicos, mas por sua larga capacidade de beneficiar comunidades e inseri-las num modo de desenvolvimento sustentado, que garanta equilíbrio dos fatores social, econômico e ambiental (PÉREZ, 2009).

O Turismo de Base Comunitária (TBC), ou Turismo Comunitário, é uma prática desenvolvida junto a comunidades tradicionais que concentram na sua forma organizacional a autogestão sustentada dos recursos existentes, estabelecendo pactos de cooperação mútua que proporcionam equidade do trabalho desempenhado, características ocasionadas em virtude da prestação dos serviços de natureza turística (MALDONADO, 2009 apud MTUR, 2010a). Assim, esse segmento oportuniza a produção cultural local, aumenta a receita e contribui à preservação do ambiente natural, podendo eliminar mazelas sociais, como o êxodo juvenil (CORIOLANO et al., 2009).

Ao analisar tais questões envoltas ao turismo, nota-se o quão é diverso e multifacetado, pois na essência da sua execução necessita constantemente de uma série de disciplinas para ter êxito e consolidar-se como um modelo de atividade baseada nos princípios do desenvolvimento sustentável.

O objeto deste estudo é a comunidade Pedra do Sal, localidade composta por 379 famílias e que está situada no extremo norte do município de Parnaíba, estado do Piauí. A mesma coleciona uma série de problemas de ordem estrutural, a considerar: ausência de serviços básicos como fornecimento de água e energia elétrica; saneamento; atendimento médico e outros. Estas deficiências colaboram à má qualidade de vida da

população. Os nativos relatam que tais problemas persistem pelo fato de a comunidade não estar inserida no Plano Diretor Municipal (PESQUISA DIRETA, 2013).

Partindo desse pressuposto, o estudo tem como objetivo principal avaliar as condições socioeconômicas da comunidade Pedra do Sal, com vistas ao incremento do TBC, visando estimular o desenvolvimento sustentável à região. Para esta finalidade, foi realizada uma pesquisa de campo e a observação *in loco* para descrever a caracterização da área de estudo, como também para desencadear noções sobre a atividade turística desenvolvida na região; além disso, o estudo aborda a realidade socioespacial local englobando as características e o modo de vida tradicional predominante.

Os procedimentos metodológicos basearam-se na pesquisa bibliográfica em livros, periódicos e *sites* da Internet, documental e contato direto através da pesquisa de campo do tipo quantitativa-descritiva, método adequado à essa função, pois seu objetivo consiste em descrever “[...] as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1987, p. 45). Utilizou-se, também, de entrevista informal ou não-dirigida, onde “[...] o importante é deixar que o pesquisado expresse livre e completamente suas opiniões e atitudes em relação ao objeto de estudo” (GIL, 1987, p. 116). Tal método de entrevista foi aplicado com a presidenta da Associação de Moradores e Pescadores da Pedra do Sal (AMPPS), Norma Sueli Nascimento de Souza, “Dona Norma”. Habitualmente este modelo de pesquisa é realizada por pesquisadores sociais que têm na atuação prática a sua maior preocupação, resultando em pesquisas de cunho dinâmico e solidificadas (GIL, 2002).

Esta pesquisa faz parte dos trabalhos de campo empreendidos pelo Programa de Educação Tutorial (PET) – Turismo, sendo realizada durante os turnos manhã e tarde do dia 29 de agosto de 2013. No primeiro foi realizada a pesquisa de campo quantitativa, no seguinte a entrevista com “Dona Norma”. A mesma constitui-se com a aplicação de 34 questionários de perguntas fechadas a moradores vizinhos à Usina Eólica Pedra do Sal (UEPS) e à praia da Pedra do Sal., escolhidos de maneira não aleatória, que após coletados foram tabulados pelo *software* de computador SPSS *Statistics* - versão 20.

OBJETO DE ESTUDO: COMUNIDADE PEDRA DO SAL

O município de Parnaíba, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui número populacional equivalente a 145.707 habitantes (2010). É o segundo mais populoso do estado, atrás apenas da capital, Teresina. Com área territorial de 435.573 km², possui densidade demográfica de 334,51 hab/km². A urbe passa por intenso processo de desenvolvimento, no ano de 2012 obteve o segundo maior PIB do estado, com valores acima de R\$ 847 milhões, deste montante, pouco mais de 80% dele, cerca de R\$ 679 milhões, foi gerado pelo setor de serviços, onde se inclui o turismo (IBGE, 2013).

A comunidade Pedra do Sal está localizada no extremo norte do município de Parnaíba - fazendo divisa com a cidade de Ilha Grande/PI -, região litorânea do estado do Piauí, distante aproximadamente 18 quilômetros da sede municipal. A mesma é conhecida pela singularidade e tradicionalidade de seu povo e por apresentar significativas belezas naturais, tendo a praia da Pedra do Sal constituída como um dos atrativos turísticos mais visitados na região, além de projetos eólicos como a Usina Eólica Pedra do Sal e a Central Geradora Eólica Delta (em implantação), modificando a paisagem natural e, para muitos, são tidas como atração turística (PESQUISA DIRETA, 2013).

As principais atividades econômicas empreendidas na comunidade restringem-se à pesca, à agricultura de subsistência, à coleta de frutos silvestres e ao artesanato. Embora haja em seus domínios geográficos um dos mais visitados atrativos turísticos - a praia da Pedra do Sal -, a economia movimentada na comunidade pelo turismo não é relevante, como explica “Dona Norma”:

Aqui na comunidade o turismo não é visto como atividade rentável, a população não quer trabalhar com o mesmo porque ela não tem instrução suficiente e nem qualificação profissional adequada, e pra trabalhar com turismo é necessário ter estudo, e isso nossa comunidade não dispõe. Os que trabalham diretamente com o turismo não estão muito satisfeitos, pois não obtém renda suficiente para se manter, tendo que completa-la com outras atividades, além disso, os

programas de distribuição de renda do Governo Federal faz com que muitos não queiram formalizar-se [abrir empresa, assinar carteira de trabalho] porque acham que vão perder o benefício (PESQUISA DIRETA, 2013).

Mesmo percebendo as adversidades socioeconômicas locais, é necessário cautela na hora de interferir e/ou sugerir outra atividade econômica como forma de aguçar o desenvolvimento do lugar, pois no modo de produção capitalista o lucro estará sempre acima de tudo, do ambiente e até mesmo da sociedade, gerando insustentabilidade ao meio e, principalmente, aos autóctones (KRIPPENDORF, 2001). Todavia, o planejamento da atividade turística tende a equilibrar e introduzir uma série de benefícios visando o modo de desenvolvimento sustentado, eliminando os efeitos indesejados causados pelo turismo desordenado, como afirma Ignarra (2001, p. 62):

Frente a estes efeitos que podem ser produzidos pelo turismo, o planejamento da atividade se faz necessário, tanto para acelerar e maximizar os efeitos positivos da atividade, quanto, e principalmente, para que os efeitos negativos sejam mitigados.

Ao inserir o pensamento de Ignarra ao contexto local, o mesmo afirma que “o planejamento da atividade turística se mostra, portanto, como um poderoso instrumento de fomento ao desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade” (IGNARRA, 2001, p. 62). Com isso, planejar o destino turístico possibilita uma variedade de benefícios direcionados ao ambiente receptor, em se tratando de comunidades tradicionais, esta é uma ação indispensável à continuidade das características originais (RUSCHMANN, 1997).

O atraso social e econômico da população local é resultado de uma série de negligências políticas sobre o local. A realidade vivida pelos nativos é descrita tal qual é percebida com a observação durante o contato direto na pesquisa de campo, onde segue o relato de “Dona Norma”:

Somos um povo esquecido pelo poder público, a água que utilizamos para beber e fazer nossos serviços domésticos nem sempre é da rua [encanada], pois não temos subestação própria, a água que “mandam” pra cá vem da Ilha Grande [cidade vizinha] e não de Parnaíba. Têm moradores aqui que bebem água de cacimba porque não existe tubulação até suas casas. O outro problema é da energia elétrica, aqui existe uma usina eólica, mas a cerca de 100 metros de um cata-vento [aerogerador] há residências sem energia elétrica, a energia que vem até nossa comunidade não contempla todas as 379 famílias existentes e isso gera muitos problemas (PESQUISA DIRETA, 2013).

Os problemas de infraestrutura básica elencados no relato influenciam diretamente na baixa qualidade de vida da população, dificultando e impedindo o seu desenvolvimento, tornando ainda mais complicada a permanência dos moradores na localidade, ocasionando o êxodo juvenil como percebido através do contato direto (PESQUISA DIRETA, 2013).

Neste contexto, mas na contramão dos problemas evidenciados, a ausência dos serviços urbanos pode propiciar uma alternativa e lucrativa fonte de renda com a implantação do TBC. Isso ocorre em virtude dos praticantes deste segmento buscar como atração fundamental a vivência e a interação com os autóctones no seu meio natural, de modo a conservar suas raízes e mantendo preservada a cultura do povo local, como enfatiza Coriolano (2003, p. 191 apud ZAMIGNAM; SAMPAIO, 2010, p. 7): “[...] o turista é atraído pela simplicidade, pelas belezas naturais, calma e a rusticidade do lugar”.

Portanto, o TBC é um segmento do turismo que oportuniza a geração de renda, contribui na preservação das características e dos costumes do povo local, minimiza os efeitos do êxodo juvenil, traz proteção à natureza, dentre outros. Ademais, promove a cooperação e o mutualismo de populações tradicionais que adotam o turismo comunitário como atividade para o seu sustento (CORIOLANO, 2009).

Todavia, é importante considerar algumas ressalvas quanto a essa proposta desenvolvimentista. Um dos passos é a pesquisa e a análise de prognósticos de outros modelos semelhantes e desenvolvidos em comunidades com características parecidas.

Nesse sentido, a professora e pesquisadora de turismo, Doris Ruschmann (1997, p. 131) considera:

Em todos os níveis é preciso considerar os ensinamentos de outras experiências, bem ou mal-sucedidas, para direcionar o desenvolvimento de novos projetos. Deve-se estimular a inovação e valorizar as experiências bem-sucedidas, tornando-as conhecidas, a fim de incentivar iniciativas similares.

Através disso, se atenuados os efeitos positivos e corrigidas as prováveis falhas do processo de planejamento a ser implantado, as chances de sucesso serão ainda maiores. Tais medidas visam a otimização da proposta e a garantia de resultados vindouros à sociedade nativa, ao meio ambiente e aos aspectos culturais, importantes características para as comunidades tradicionais, em especial a da Pedra do Sal.

TURISMO E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONTEXTUALIZAÇÃO

O turismo é uma atividade econômica e social em pleno desenvolvimento no planeta, que gera milhões de empregos e eleva o PIB de muitos países, por outro lado, causa diversos impactos negativos ao homem e ao meio ambiente, estes provocados quando da ausência de um planejamento específico (RUSCHMANN, 1997).

A atividade do turismo é antiga. McIntosh (apud IGNARRA, 2001) estima que deva ter surgido por volta de 4.000 a.C. com os Babilônios. Porém, foi na Revolução Industrial que esse fenômeno ascendeu, chegando a ser hoje um dos mais rentáveis setores da economia de inúmeros países, principalmente os da Europa. Esse crescimento está atrelado ao maior tempo livre dos trabalhadores e ao desenvolvimento da aviação civil após a Segunda Guerra Mundial (TRIGO, 1998).

Beni (2003, p. 37) define turismo da seguinte maneira:

[...] é um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica, que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios.

Outra definição existente sobre turismo é a de Andrade, o qual afirma ser “[...] um conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais” (apud IGNARRA, 2001, p. 24).

A partir dessas definições, percebe-se a funcionalidade do turismo e as diversas etapas à sua realização, promovendo do início ao término uma série de inserções no mercado de trabalho, envolvendo um demasiado número de setores funcionais e de relações interpessoais.

Notadamente, o turismo “[...] é uma actividade complexa e mutável, multifacetada e multidimensional que não deve ser reduzida exclusivamente a negócio, actividade industrial, marketing ou gestão de produtos” (PÉREZ, 2009, p. 4). O turismo, mais do que qualquer outra atividade socioeconômica, na sua execução faz uso de diversas áreas do conhecimento, a saber: geografia, ecologia, economia, sociologia, direito, antropologia, dentre outras. Essa interdisciplinaridade é importante para compreender suas causas e efeitos, atentando para o planejamento, fator fundamental à sustentabilidade do ambiente turístico (PÉREZ, 2009).

No campo da economia, o turismo tem um efeito multiplicador sobre o mercado local, influenciando, segundo Ignarra (2001), em mais de 40 fornecedores diretos, mostrando que a produção do turismo coloca no ambiente receptor grande soma de valores monetários, todavia, a execução do turismo não deve ser vista somente pelo viés econômico. Ruschmann (1997), Krippendorf (2001) e Coriolano et al. (2009) enfatizam que sem o respeito ao meio natural, à sociedade local com a participação da comunidade, a atividade estará sujeita ao fracasso, já que estas circunstâncias são de suma

importância do “fazer turístico”, elementos bastante evidenciados nos projetos de planejamento do turismo, mas negligenciados na sua implantação.

No viés antropológico, os ganhos podem ser qualitativamente melhores, pois o turismo atua no intercâmbio sociocultural com uma prática de consumo diferencial e que é um importante instrumento de poder político-ideológico. Esse processo elementar possibilita vivenciar a alteridade, compreendida na relação entre turistas e residentes (PÉREZ, 2009). Dessa forma, aliar os estudos da antropologia ao processo de planejamento da atividade *in loco* torna-se um fator de grande valia e relevante aos interesses dos nativos, em contraposição ao modelo de turismo globalizado e degradante, muito predominante em muitas destinações turísticas brasileiras.

Em diversos países, o turismo tem ganhado força e investimento devido ao efeito multiplicador de renda. Na Grécia, em 2012, o setor de turismo representou uma fatia de 15% do PIB, gerando mais de 750 mil empregos diretos e indiretamente (UNISINOS, 2013). Este cenário positivo possibilitou ao governo grego dar maior atenção ao setor, tornando-o um dos mais importantes àquele país. No Brasil a realidade é outra, o turismo não é visto como principal atividade econômica, concomitante a isso, também não é colocado como prioridade nos planos, programas e ações da maioria das esferas governamentais. Entretanto, com o passar dos anos e com os resultados mundiais de crescimento do setor, o Governo Federal vem estimulando, mesmo que pouco, o seu desenvolvimento (MTUR, 2013).

Neste mesmo cenário, o Ministério do Turismo (MTUR) almeja colocar o Brasil entre os três maiores países com PIB turístico do mundo até o ano de 2022, seguindo as projeções estabelecidas no Plano Nacional de Turismo (PNT) 2013-2016 (MTUR, 2013, p. 3):

O objetivo e a estratégia delineados neste PNT são ambiciosos. Sair da sexta para a terceira economia turística do planeta, ficando atrás apenas dos gigantes China e Estados Unidos, exigirá um crescimento anual médio de mais de 8% no turismo do Brasil, taxa superior ao crescimento médio dessa atividade no mundo e ao próprio crescimento do nosso PIB.

As projeções e os planos do MTUR são ousados e, também, difíceis de ser consolidados no modelo de política e promoção do setor em vigência. Embora haja uma variedade enorme de ambientes potencialmente turísticos, estes carecem de demasiada política pública, incentivo e investimento público e privado, para tornar real toda a potencialidade existente nos atrativos.

Ecoturismo é o segmento turístico de maior expressão no Brasil e também a nível mundial. Este condiciona seu funcionamento diretamente à natureza, garantindo a promoção, a preservação e a conservação dos ambientes naturais, bem como assegura às futuras gerações o uso dos recursos hoje utilizados, devendo ser desenvolvido com base nos princípios da sustentabilidade (MTUR, 2010b).

O MTUR (2010b, p. 17) define ecoturismo a partir da seguinte perspectiva:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Assim, ao considerar o ambiente natural da comunidade Pedra do Sal, verifica-se uma infinidade de atividades ligadas ao ecoturismo. Podem ser desempenhadas trilhas, caminhadas, observação de pássaros e outros animais, banhos de mar, apreciação do pôr do sol, dentre muitas outras práticas relacionadas ao turismo ecológico.

Frente ao modelo de turismo convencional, ou globalizado, aparece o de turismo comunitário, praticado geralmente em comunidades tradicionais. A geógrafa e pesquisadora da área, Luzia Neide Coriolano (2006, p. 201), utiliza o seguinte argumento para aclarar o segmento:

Faz contraposição ao turismo global o turismo alternativo e comunitário. Como o turismo globalizado voltado para os mega-empresendimentos, chegou aos países ditos em desenvolvimento, mas não ofereceu oportunidades e vantagens às comunidades, especialmente no Nordeste e Norte do País, inventaram uma forma diferente de organizar a atividade – o turismo comunitário. Implementaram outro tipo de turismo de base local, que busca a sustentabilidade socioespacial, prioriza os valores socioculturais e descobre

formas inteligentes de participação na cadeia produtiva do turismo; um turismo que não é só consumo, mas de troca de experiências, de laços de amizades e de valorização cultural.

Ademais, percebe-se a diferença entre turismo globalizado e comunitário, o primeiro voltado ao lucro, pois tem base no sistema capitalista, enquanto que o segundo tem atenção voltada à manutenção das manifestações tradicionais e à qualidade de vida do povo nativo. No turismo comunitário, essas atividades tradicionais peculiares são também consideradas como atrativos turísticos (CORIOLANO et al., 2009).

Neste sentido, encontra-se o Turismo de Base Comunitária, tal qual é definido por Coriolano (2006, p. 201) como “[...] aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo”, e seu funcionamento é “[...] desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passam a ser os articuladores e construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida” (CORIOLANO, 2003, p. 41 apud ZAMIGNAM; SAMPAIO, 2010, p. 6).

Dessa forma, tem-se a noção básica do funcionamento do TBC nas localidades onde é implantado, fortalecendo o desenvolvimento socioespacial e possibilitando a preservação do ambiente, dos valores culturais e estimulando a economia local com a geração de emprego e renda.

A motivação para visitar tais lugares surge sobre diversas maneiras. Ignarra (2001, p. 35) explica que o efeito das telecomunicações e o avanço tecnológico criam cada vez mais contatos virtuais. Ele afirma que estas circunstâncias fazem criar “[...] no homem moderno a busca por [...] contatos impessoais e o turismo se apresenta como o grande mecanismo para satisfazer essa vontade do homem”. Para Krippendorf (2001), as motivações turísticas advêm do egocentrismo, criando condições adversas em cada indivíduo. Isso ajuda a definir as estratégias de *marketing* que devem ser utilizadas, visando a busca por demanda turística específica.

Ruschmann (1997, p. 17) contribui ao afirmar que “a nova tendência do desejo dos turistas pelo *small is beautiful* opõe-se radicalmente às viagens massificadas,

impessoais e realizadas nos gigantes de concreto [...]”. Dando razão aos novos fluxos turísticos em busca de lugares ambientalmente naturais e que ofereçam mais tranquilidade. Ruschmann continua: “o turismo ‘brando’, ecológico, naturalista, personalizado e realizado em grupos pequenos de pessoas tende a caracterizar os fluxos turísticos do futuro” (ibid.). Assim, pressupõe-se uma leve vantagem das pequenas comunidades tradicionais, que tem nas suas funções básicas cotidianas a atração para o turista do futuro.

É importante evidenciar a interação saudável e harmoniosa entre comunidade e turista, com vistas ao bem estar e ao equilíbrio social no ambiente receptor. Nessa perspectiva, Santos et al. (2011, p. 3) exprimem:

Trabalhar a comunidade de um núcleo turístico consiste em envolver a comunidade com os diversos setores do turismo; Integrá-la e orientá-la perante a sua importância; incentivá-la à exaltação de seus costumes para que seus moradores tenham plena consciência de sua identidade e do meio social em que vivem. É preciso que a comunidade entenda a complexidade da atividade e o seu valor para o desenvolvimento do turismo na localidade.

Essa complexidade visa estabelecer níveis que assegurem os pontos positivos da atividade através do envolvimento comunitário, minimizando possíveis impactos negativos, grande vilão do setor e que prejudica tanto a atividade turística quanto a população local. Dessa forma, a comunidade desenvolve-se juntamente ao turismo, criando um ambiente favorável e propício dentro de um modo sustentável.

Portanto, a fundamentação teórica exposta contribui à formulação dos princípios ideários do turismo comunitário, abarca noções e técnicas sobre o segmento, evidenciando os ganhos socioeconômicos e ambientais da sua realização e, também, os impactos positivos e negativos, dentre outras assertivas inerentes ao TBC.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No que concerne Marconi e Lakatos (2003, P. 186), para “[...] conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema [...]” faz-se necessário a

aplicação de questionários em uma pesquisa de campo, a fim de obter respostas ou hipóteses de algo que se queira comprovar, ou, também, descobrir fenômenos e as relações que existem entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Em razão disso, a pesquisa de campo na comunidade Pedra do Sal foi realizada com indivíduos do gênero masculino e feminino, com idade a partir dos 16 anos. A pesquisa identifica características sociais e econômicas e, ainda, questões relacionadas à infraestrutura do lugar e às atividades tradicionais da população autóctone.

Logo no início, a pesquisa revela que 62% da população pesquisada tem até o ensino fundamental completo [quando somado com os “sem escolaridade”] (Gráfico 01). O resultado implica dificuldades aos moradores da Pedra do Sal, impossibilitando-os de ser inseridos no mercado de trabalho atual, exigente por níveis de escolaridade maior e, também, por cursos de capacitação (OIT, 2011). Entretanto, para o TBC não é levado em conta o nível de escolaridade, haja vista que esta se organiza e é executada de maneira diferente do turismo globalizado, onde as práticas utilizadas são simples e correspondem às já realizadas no âmbito cotidiano da população (CORIOLANO et al., 2009).

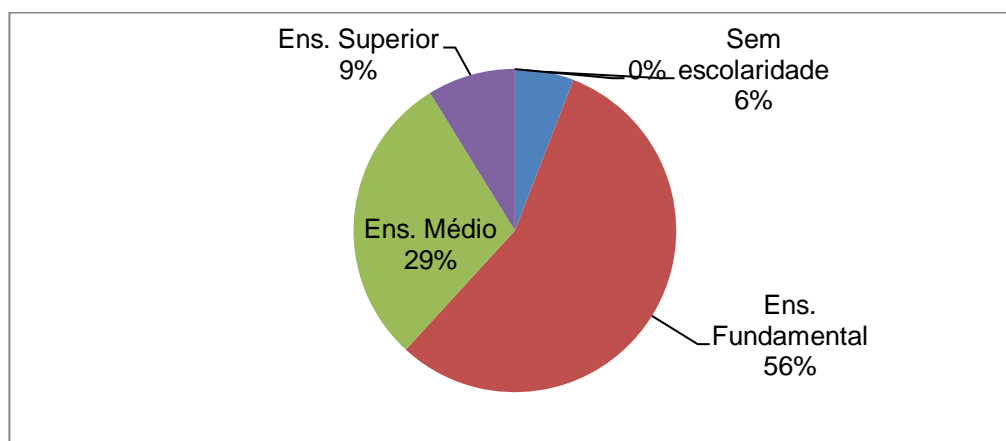


Gráfico 01: Grau de escolaridade dos moradores da comunidade Pedra do Sal.
Fonte: PESQUISA DIRETA (2013).

Quando indagados sobre qual o tipo de ocupação exercem, 79% dos pesquisados afirmaram trabalhar em atividades relacionadas ao lar, à pesca artesanal e à agricultura familiar (Gráfico 02). Estas ocupações geram pouca renda aos nativos, devido a isso

muitos necessitam complementá-la. Existe ainda a renda invisível, advinda da troca e comercialização de peixes e do que é produzido com a agricultura. Como mencionado, o fato de quase 80% da população realizar atividades tradicionais pode instigar e favorecer o turismo na região, pois estas características são tidas como atratividade ao turista, estabelecendo a interação mútua entre visitante e visitado (CORIOLANO et al., 2009).

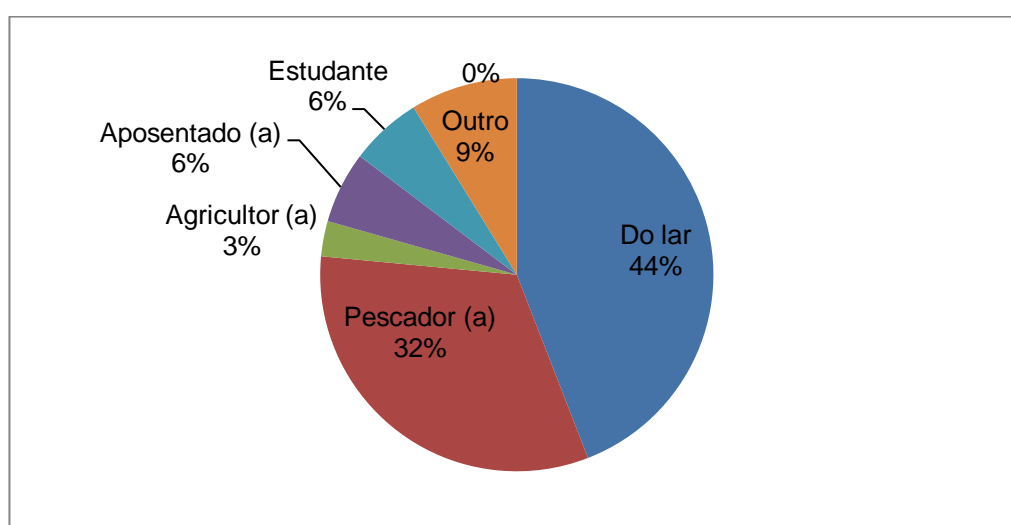


Gráfico 02: Tipo de ocupação exercida pela população da comunidade Pedra do Sal. Fonte: PESQUISA DIRETA (2013).

Quanto à renda familiar, 71% da população pesquisada disse manter suas famílias com até um salário mínimo (Gráfico 03). Os dados apontam fragilidade e vulnerabilidade econômica às famílias locais, criando possibilidade de conflitos sociais em virtude da carência em adquirir alimentos, remédios e demais produtos de necessidade básica. O fator se agrava quando é levado em conta o número de indivíduos por família, que em geral, em comunidades tradicionais, é maior que a média nacional, que era de 03 indivíduos por domicílio no ano de 2011 (UOL, 2012). No entendimento de Lohmann e Panosso Netto (2008), a efetivação do TBC faz entrar em cena o efeito multiplicador do turismo sobre a renda, o qual é concebido através do impacto

econômico gerado sobre o local, que ao ser estático mostra resultados ainda maiores, ocasionado pela circulação por tempos maiores do dinheiro na localidade.

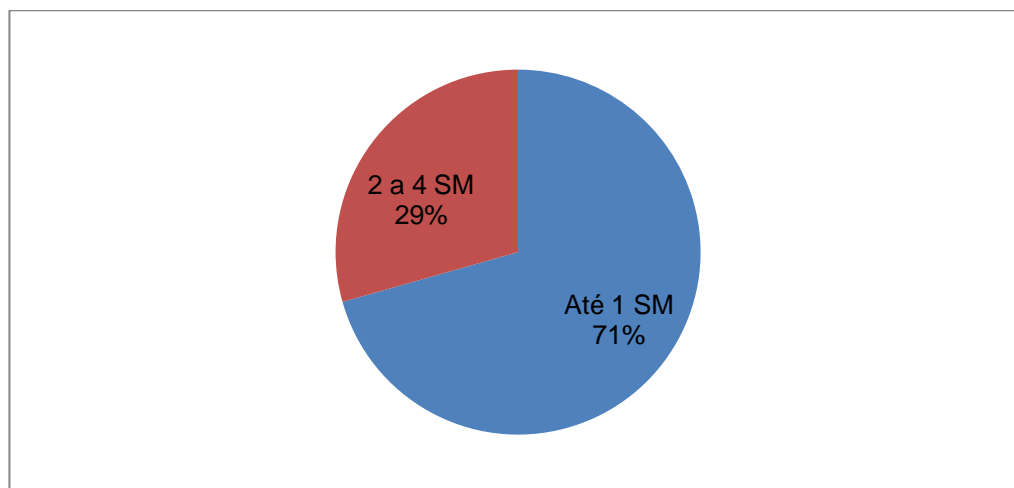


Gráfico 03: Renda familiar mensal da população da comunidade Pedra do Sal.
Fonte: PESQUISA DIRETA (2013).

Conforme argumentou “Dona Norma”, o turismo tem pouca influência na economia local, em geral, ocorre apenas a venda e comercialização do artesanato, do pescado, de bebidas e alguns insumos de produção agrícola. Atestando isso, 56% dos pesquisados afirmou ser “alta” a importância do turismo à localidade (Gráfico 04), número que poderia ser maior, haja vista a potencialidade do lugar justificada pela presença da praia da Pedra do Sal, um dos mais visitados atrativos turísticos do litoral piauiense.

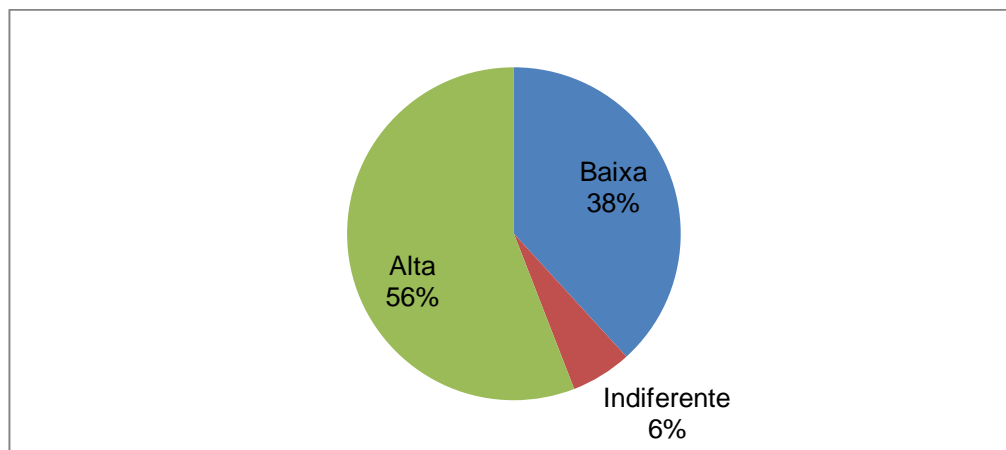


Gráfico 04: Importância do turismo na economia da comunidade Pedra do Sal.
Fonte: PESQUISA DIRETA (2013).

Vinculado a isso, é necessário destacar a percepção dos moradores quanto ao desenvolvimento de atividades econômicas dentro de seu ambiente de morada. Corrobora com esse pensamento a professora Luzia Neide Coriolano (2009), para ela, “[...] no turismo comunitário os residentes possuem o controle produtivo da atividade desde o planejamento até o desenvolvimento e a gestão” (2009, p. 238 apud MACEDO; RAMOS, 2012, p. 93). Isso mostra que quando a comunidade se organiza em prol do seu desenvolvimento, maiores são as chances dessa união trazer bons fluidos, como no caso deste estudo.

A pesquisa revelou, também, que 56% dos pesquisados disseram “sim” quando indagados se gostariam de trabalhar com outra atividade diferente da sua (Gráfico 05). Neste caso, o índice estaria voltado a solucionar um problema crônico das comunidades rurais e tradicionais no país, o êxodo juvenil (RUSCHMANN, 1997).

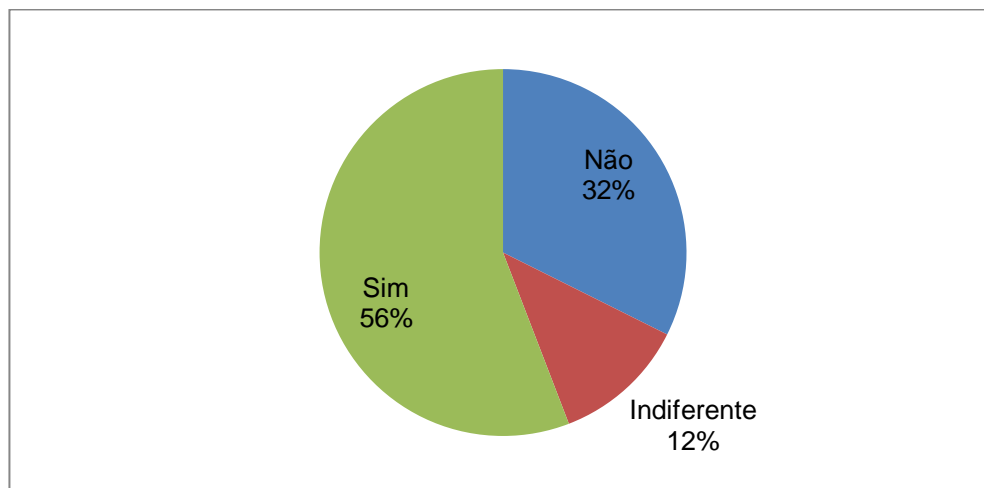


Gráfico 05: Gostaria de praticar atividade de trabalho diferente da exercida atualmente na comunidade.

Fonte: PESQUISA DIRETA (2013).

Para contrapor esse problema, Coriolano et al. (2009, p. 189-190) destacam que esse tipo de turismo pode “[...] abrir espaços para os jovens para que possam capacitar-se e permanecer no lugar”. Eusébio e Figueiredo (2014, p. 55) também contribuem com a temática ao afirmarem que tal circunstância estimula “[...] o emprego de residentes locais nas atividades económicas que integram a atividade turística”, isso estabelece o sustento e garantia às características culturais da comunidade, bem como instiga a melhoria da qualidade de vida dos residentes (EUSÉBIO; FIGUEIREDO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação teórica abarca considerável número de situações que envolvem o turismo. Mostra, de certo modo, seu funcionamento e suas formas de execução a partir da segmentação. Instiga o planejamento *in loco*, evidencia os ganhos e as melhorias sociais, atenua a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento econômico e trata da manutenção e difusão das manifestações e valores culturais, aspectos

preponderantes e de estima às comunidades tradicionais potenciais ao turismo comunitário.

Ao considerar a comunidade Pedra do Sal, é importante atentar para os aspectos naturais, sociais e culturais como parte da oferta para o turismo comunitário. Neste viés, surge uma infinidade de expectativas quando a elaboração de um planejamento específico, visando organizar a população nativa a fim de induzi-los a trabalhar o TBC, mostrando desde o início quais as reais oportunidades de estarem desenvolvendo uma atividade que à eles não aparenta dar resultados satisfatórios ou mesmo, cause estranheza, como verificado quando da observação na pesquisa de campo.

Por esse motivo, é essencial buscar informações e desenvolver mais pesquisas junto aos órgãos públicos e empresas privadas, no intuito de verificar a demanda e definir as estratégias de *marketing* a serem utilizadas para atrair o público alvo. Isso permite que a comunidade use de maneira correta os bens naturais e os valores culturais constituídos, concomitante a isso, a inserção e o aprendizado de outras formas culturais, provando que a interação turística é fundamental quando da execução da atividade, ainda mais em comunidades de costumes e modos de vida tradicionais, como a da Pedra do Sal.

Por fim, mostramos o significativo exemplo do desenvolvimento sustentável à comunidade estudada. Os fatores aqui elencados abordam questões fundamentais sobre turismo comunitário, cabendo ressaltar a importância do planejamento participativo, a fim de maximizar os efeitos positivos e minimizar e/ou até eliminar os impactos indesejados causados pela execução da atividade turística. Dessa forma, o TBC configura-se como um segmento propício ao desenvolvimento na comunidade Pedra do Sal, como mostrado ao longo deste trabalho.

COMMUNITY-BASED TOURISM IN THE SOCIAL AND ECONOMIC DEVELOPMENT OF PEDRA DA SAL COMMUNITY IN PARNAÍBA - PIAUÍ

ABSTRACT

The main objective of this paper is to assess the social and economic conditions of Pedra do Sal community focusing on the enhancing of community-based Tourism, aiming at better life conditions to the inhabitants of that place. In order to do so, we proposed to perform a social characterization of the area in study, as well as to contextualize the touristic activity in general and specifically in the area, and analyze the reality experienced by the native population. The methodological procedures were bibliographical and documentary research in books and Internet websites, direct contact through quantitative-descriptive field research with probabilistic sample, and a non-directive interview with the President of the Association of inhabitants and fishermen of Pedra do Sal, Norma Sueli Nascimento de Souza. The results indicate favorable situation to the adoption of community-based tourism as a new cost-effective alternative to the locality. However, we could also notice the difficulty in implementing this type of tourism due to lack of knowledge about the thread, lack of educational subsidies from the inhabitants and the difficult relationship among existing associations, which generates conflicts and contributes to the organizational slack, preventing its sustainable development. Therefore, the participatory tourism planning in the community is a fundamental tool to the implementation of the activity on the locality and it is expected to improve the indexes of life quality of the indigenous population.

KEYWORDS: PEDRA DO SAL COMMUNITY. COMMUNITY-BASED TOURISM. SUSTAINABLE DEVELOPMENT.

REFERÊNCIAS

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 9. ed. São Paulo-SP: SENAC, 2003.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Piauí >> Parnaíba**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=220770>> Acesso em: 07 out. 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR. **Plano Nacional de Turismo (PNT) 2013-2016**. Brasília: Ministério do Turismo, 2013.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. et al. **Arranjos Produtos Locais do Turismo Comunitário: Atores e Cenários em Mudança**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CYMBALUK, Fernando. Família brasileira encolhe e cada vez mais gente mora sozinha, aponta IBGE. **UOL**, 21 set. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/21/familia-brasileira-encolhe-e-cada-vez-mais-gente-mora-sozinha.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

EUSÉBIO, Celeste. FIGUEIREDO, Elisabete. Turismo e desenvolvimento sustentável de destinos rurais. In. KASTENHOLZ, Elisabeth. et al. **Reinventar o turismo rural em Portugal: cocriação de experiências turísticas sustentáveis**. Aveiro, Portugal: UA Editora, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LEITE JÚNIOR, Plínio Pimentel. et al. **O valor social do turismo**. São Paulo: Roca, 2007.

LOHMANN, Guilherme. PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

MACÊDO, Ermínia Medeiros. RAMOS, Ricardo Gomes. **O desenvolvimento do turismo em Barra Grande, Piauí (Brasil) e seu significado para a comunidade local**. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, RJ, vol. 2, n. 2, p. 89-107, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. 5. ed. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

OIT. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Manual para a Redução da Pobreza por meio do Turismo**. Geneva, Suíça: Autor, 2011.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural**: uma visão antropológica. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS, ETPC, 2009.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: A proteção do meio ambiente. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; KADOTA, Décio Katsushigue. **Economia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2012.

SANTOS, Rodrigo Amado dos. et al. **As relações públicas como instrumento para o processo de planificação e gestão da atividade turística**. Revista Científica Eletrônica de Turismo. Ano VIII – Número 14, 2011.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

UNISINOS. **“Passem suas férias na Grécia”, diz Alexis Tsipras, em Berlim**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/509834-passem-suas-ferias-na-grecia-diz-alexis-tsipras-em-berlim>> Acesso em: 08 out. 2013.

ZAMIGNAN, Gabriela. SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo de Base Comunitária como perspectiva para a preservação da biodiversidade e de modos de vidas de comunidades tradicionais**: a experiência da micro-bacia do rio Sagrado, Morretes (PR). V Encontro Nacional da Anppas. Florianópolis – SC, 4 a 7 de outubro de 2010.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 09. dez. 2013

Aprovação Final: 17. maio. 2014

Referência (NBR 6023/2002)

CUNHA, José Maria Alves da; MÉLO, Inês de Carvalho; PERINOTTO, André Riani Costa. O turismo de base comunitária no desenvolvimento socioeconômico da comunidade Pedra do Sal, em Parnaíba - Piauí. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3, n. 1, p. 102-123, jan./jun. 2014.